Unidade 1
Como pensamos?

Na Grécia antiga, em meio à intensa vida cultural, política e comercial da pólis, nasceu a filosofia, uma forma de pensar conceitualmente o mundo e responder a problemas diversos de modo racional.

Uma vez que a religião, o mito e o senso comum não mais forneciam respostas satisfatórias para as curiosidades cosmológicas, físicas e antropológicas, os primeiros filósofos buscaram uma explicação pautada em critérios claros, demonstrativos e não dogmáticos.

A filosofia tem uma relação íntima com outros saberes. Na Idade Média, por exemplo, Agostinho e Tomás de Aquino aproximaram a teologia cristã da filosofia; na modernidade, Galileu, Bacon e Newton investigaram na filosofia, na física e na ciência nascente o método que seria mais adequado para a produção do conhecimento verdadeiro.

As artes constituem outro ponto de convergência para os interesses filosóficos. Com os pensadores da teoria crítica, como Benjamin e Adorno, veremos como a arte, sob o ponto de vista filosófico e histórico, teve sua produção e fruição modificadas pelo desenvolvimento de meios técnicos e tecnológicos num contexto capitalista.

Giraudon/The Bridgeman Art Library/Keystone/Coleção particular

O império das luzes, *pintura de René Magritte, de 1949.*

Por que esta imagem provoca tanta estranheza ao primeiro olhar? Dia e noite, céu claro e rua escura... Alguma coisa não parece correta. Tal estranheza nos força a pensar. Esse é o mesmo tipo de estranheza e espanto que a filosofia provoca. Ela não se conforma com respostas prontas e está sempre enfrentando os problemas que nos inquietam. Questionamentos e desafios: é disso que vive a filosofia.

XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
HOBBES Inglaterra **DESCARTES** França **LOCKE** Inglaterra **NEWTON** Inglaterra	**KANT** Prússia (Alemanha)	**NIETZSCHE** Alemanha	**GRAMSCI** Itália **BENJAMIN** Alemanha **CASSIRER** Polônia **HORKHEIMER** Alemanha **ADORNO** Alemanha **LÉVI-STRAUSS** Bélgica **FEYERABEND** Áustria **DELEUZE** França **FOUCAULT** França **GUATTARI** França	**COMTE-SPONVILLE** França **LÉVY** Tunísia

Digitalizado com CamScanner

1 Filosofia: o que é isso?

COLOCANDO O PROBLEMA

O PENSAMENTO FILOSÓFICO

Se prestarmos atenção na canção "Tô", de Tom Zé, viveremos uma genuína experiência filosófica. A letra da canção nos estimula a pensar, ao colocar em jogo uma série de situações aparentemente incongruentes: carinhoso para poder ferir; olho fechado para ver melhor; lentamente para não atrasar; desesperado para ter paciência; com alegria para poder chorar. Alguma coisa parece não se encaixar...

O pensamento filosófico é semelhante, pois nos tira do lugar-comum. É como se, no dia a dia, vivêssemos "no automático", sem pensar muito naquilo que fazemos, naquilo que acontece a nossa volta. De repente, alguma coisa nos chama a atenção. Alguma coisa está estranha. Algo nos faz parar e pensar. Como na canção de Tom Zé, ou como no poema de Carlos Drummond de Andrade: "tinha uma pedra no meio do caminho". É essa "pedra" que nos faz parar, é ela que nos atrai a atenção. Nesse momento nos detemos em nossos pensamentos. Dizendo de outra maneira: quando deparamos com um **problema**, somos levados a exercitar o pensamento.

"

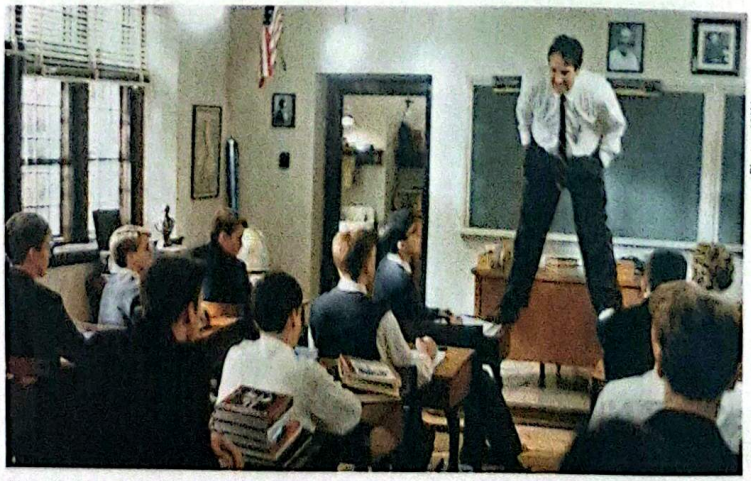
Tô

Tô bem de baixo pra poder subir
Tô bem de cima pra poder cair
Tô dividindo pra poder sobrar
Desperdiçando pra poder faltar
Devagarinho pra poder caber
Bem de leve pra não perdoar
Tô estudando pra saber ignorar
Eu tô aqui comendo para vomitar

Eu tô te explicando
Pra te confundir
Eu tô te confundindo
Pra te esclarecer
Tô iluminado
Pra poder cegar
Tô ficando cego
Pra poder guiar

Suavemente pra poder rasgar
Olho fechado pra te ver melhor
Com alegria pra poder chorar
Desesperado pra ter paciência
Carinhoso pra poder ferir
Lentamente pra não atrasar
Atrás da vida pra poder morrer
Eu tô me despedindo pra poder voltar

ZÉ, Tom. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 188.



Photos 12/Alamy/Latinstock

Cena do filme Sociedade dos Poetas Mortos, *de 1989, dirigido por Peter Weir. Com a chegada do professor de Literatura, John Keating (Robin Williams), os alunos da tradicional escola Welton Academy irão passar por uma experiência de pensamento e de enfrentamento de problemas da qual jamais se esquecerão.*

Digitalizado com CamScanner

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 16.

Pensar, nesse sentido filosófico, não é algo comum. É um acontecimento que produz transformações em nossas vidas. Quando pensamos, já não somos mais os mesmos.

Pensar e transformar o mundo...

Foi por meio do exercício do pensamento que o ser humano transformou-se a si mesmo e ao mundo. A primeira cena do filme *2001: uma odisseia no espaço* mostra isso de forma contundente. Um grupo de hominídeos vaga pelas savanas africanas disputando poças de água para matar a sede, caçando animais para comer e, ao mesmo tempo, sendo caçados. Quando a câmera focaliza o rosto de um deles, o que vemos é uma expressão de medo. Como se sentir seguro quando não se é o mais forte? Como vencer o medo e enfrentar o mundo, uma natureza inóspita, desconhecida e cheia de perigos? O filme nos mostra que a resposta encontrada pela humanidade para solucionar esse problema é o **conhecimento**.

Certo dia, um dos hominídeos pega um osso de um animal morto e começa a batê-lo no chão. Percebe que, ao utilizar o osso, sua força é ampliada. Desse modo, o osso se transforma em uma **ferramenta**, algo que pode ser utilizado para realizar uma tarefa. Na sequência, durante a disputa do bando desse hominídeo por uma fonte de água com um grupo rival, ele usa o osso para atacar os inimigos. Sua força é multiplicada pela ferramenta (que nesse caso se torna uma arma) e ele vence. Exultante, o hominídeo joga o osso para o alto. Quando o osso, girando, atinge o ápice e começa a cair, transforma-se em uma espaçonave em órbita da Terra.

Essa cena tem um significado muito profundo: mesmo enfrentando o problema da sobrevivência em um mundo inóspito, o hominídeo transformou-se em humano porque foi capaz de inventar uma ferramenta, utilizada, nesse caso, como arma. O uso de ferramentas desenvolveu-se por séculos e milênios, e aquele osso do início converteu-se em outro tipo de ferramenta – um sofisticado aparelho tecnológico.

Também o pensamento dispõe de suas próprias ferramentas – as **tecnologias da inteligência**, como as denominou o filósofo francês Pierre Lévy.

O filme *2001: uma odisseia no espaço* narra a história de um enigma que acompanha a humanidade desde seus primórdios. Em busca de uma resposta, uma equipe de astronautas é enviada a Júpiter. A bordo da mais moderna e tecnológica nave espacial, a Discovery, controlada pelo supercomputador HAL 9000, os astronautas querem investigar um fenômeno estranho que pode lhes conduzir ao esclarecimento do enigma.

2001: uma odisseia no espaço. Direção de Stanley Kubrick. Estados Unidos/Grã-Bretanha, 1968. (142 min).

Dmitri Kessel/Arquivo da editora

Cena do filme 2001: uma odisseia no espaço, *de Stanley Kubrick.*

Pierre Lévy
(1956-)

Reprodução/ http://pierrelevyblog.com/about/

Pierre Lévy, em foto de 2011.

Filósofo francês nascido na Tunísia. Dedica-se aos campos da comunicação e da informática, estudando seus impactos no pensamento. É autor de diversos livros, entre eles *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, publicado no Brasil em 1993.

Digitalizado com CamScanner

Trata-se dos instrumentos que utilizamos para tornar o pensamento mais eficiente. Na história humana, a tecnologia da inteligência que predominou inicialmente foi a **oralidade**, isto é, a comunicação por meio da palavra falada; em determinado momento criou-se a **escrita** (que teria um desdobramento importante com a invenção da imprensa); e mais recentemente a **informática**. Essas tecnologias interferem diretamente no modo como pensamos. A forma de pensar durante uma conversa oral é diferente daquela usada em uma comunicação escrita, por exemplo.

Procurando enfrentar seus problemas, os seres humanos utilizaram as tecnologias da inteligência para elaborar diferentes tipos de conhecimento. A filosofia é um deles.

Em que a filosofia se diferencia dos demais saberes? Se todos são resultado do exercício do pensamento, o que há de específico na filosofia?

O que distingue a filosofia são seus instrumentos e aquilo que ela produz: os conceitos.

A FILOSOFIA NA HISTÓRIA

A FILOSOFIA E O PENSAMENTO CONCEITUAL

A filosofia já foi definida de várias maneiras. A palavra, de origem grega, é composta de *phílos*, que designa o 'amigo, amante'; e *sophía*, que significa 'sabedoria'. O significado de filosofia, portanto, é amor ou amizade pela sabedoria. Se a filosofia é um amor pela sabedoria, isso quer dizer que ela não é a própria sabedoria, e sim uma relação com o saber e que implica um movimento de construção e de busca da sabedoria.

O filósofo Aristóteles definiu o ser humano como um "animal portador da palavra, que pensa", isto é, um "animal racional". Segundo ele, "a filosofia é a atividade mais digna de ser escolhida pelos homens", uma vez que nela o ser humano exercita aquilo que lhe seria próprio, ou seja, sua faculdade racional. Seria também uma atividade capaz de proporcionar a felicidade, pois, vivendo filosoficamente, o ser humano estaria vivendo de acordo com sua própria natureza.

A filosofia é, portanto, o movimento daquele que **não sabe** em direção a um **saber**; é a vontade de conhecer a si mesmo e ao mundo.

Duas perspectivas da filosofia

O filósofo contemporâneo Michel Foucault procurou mostrar que há duas formas de compreender a filosofia:

- como busca da sabedoria, entendendo o conhecimento como algo que vem de fora;
- como um trabalho de cada um sobre si mesmo, um modo de construir a própria vida.

No primeiro caso, a filosofia é a busca de um saber que está fora de cada um de nós. No segundo, é uma prática de vida, um pensamento sobre nós mesmos, um modo de fazermos com que nossa vida seja melhor.

Aristóteles
(384 a.C.-322 a.C.)

Da Agostini Picture Library/The Bridgeman Art Library/Coleção particular

Aristóteles, em escultura de mármore feita entre os séculos I e II d.C.

Nascido na cidade de Estagira, na Macedônia, ainda jovem mudou-se para Atenas, onde estudou com o também filósofo grego Platão (c. 427 a.C.-347 a.C.). Foi professor de Alexandre, que se tornaria imperador da Macedônia e ficaria conhecido como Alexandre, o Grande.

Em Atenas Aristóteles fundou uma escola, o Liceu, onde ensinava filosofia. Vários de seus livros foram escritos para suas aulas ou se originaram de anotações de seus alunos.

Escreveu sobre ética, política, física, lógica, psicologia, biologia, retórica e poética, entre outros temas, e produziu uma das obras mais completas da Antiguidade.

FACULDADE RACIONAL

Lisa F. Young/Shutterstock/Grow Images

Segundo Aristóteles, é o uso da faculdade racional da alma que nos permite pensar. Foto de 2011.

Aristóteles afirmava que a alma humana é dotada de várias faculdades, ou capacidades. Dentre elas, a faculdade racional ou intelectiva é a que torna os seres humanos aptos ao pensamento. Por isso mesmo, segundo o filósofo, seria a mais importante, pois nos diferenciaria de todos os outros seres da natureza. Mais adiante estudaremos outras faculdades.

Digitalizado com CamScanner

Essa segunda noção é também uma busca, mas não de algo que está fora de nós. É uma busca para nos tornarmos melhores por meio de práticas cotidianas que certos filósofos denominam exercícios espirituais. Um exemplo de exercício espiritual seria o hábito de escrever um diário. Ao relatar os acontecimentos e as sensações do dia a dia, temos oportunidade de refletir sobre eles e, assim, de nos conhecermos melhor.

Essas duas perspectivas levam a uma terceira: o pensamento filosófico como uma reflexão interna que questiona todos os conhecimentos vindos de fora. Pensar filosoficamente é, portanto, trabalhar sobre os mais diversos problemas e situações "partindo do zero", ou seja, sem aceitar automaticamente os conhecimentos recebidos.

Na sua busca do conhecimento, a filosofia elabora **conceitos**. Para começar a compreender o que são conceitos, pense no que significa para você a ideia de justiça. Faça a você mesmo algumas perguntas:

- O que é justiça?
- A que situações ela se aplica?
- Com seus amigos, por exemplo, você mantém relações justas? E na escola?
- Deve haver um limite para a justiça? Há situações em que se pode abrir mão dela?
- Será que a justiça tem alguma relação com a filosofia?
- A ideia de justiça é algo pronto e definitivo ou muda conforme o lugar e a época?

Ao fazer essas perguntas a si mesmo, você está praticando a atividade filosófica e reunindo elementos que podem ajudá-lo a elaborar um conceito, o conceito de justiça. Nos dicionários e enciclopédias, é possível encontrar muitas definições da palavra justiça. O conceito é algo diferente, é uma elaboração própria, que envolve atividade do pensamento e modifica quem a realiza.

Os conceitos não estão prontos e acabados, mas estão sempre sendo criados e recriados, dependendo dos problemas enfrentados a cada momento. Cada filósofo cria seus próprios conceitos ou recria conceitos de outros filósofos. Ao criar ou recriar conceitos, o filósofo está também agindo sobre si mesmo, criando a si mesmo, construindo sua vida.

> "*A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.*"
>
> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 10.

Mas isso não significa que apenas alguns privilegiados possam praticar a filosofia. Segundo o filósofo italiano Antonio Gramsci, "todos os homens são filósofos", na medida em que todo ser humano, de maneira mais ou menos intensa e duradoura, pensa sobre os problemas que enfrenta em sua vida. De certo modo, todo ser humano se utiliza de conceitos, ou até mesmo os formula, em alguns momentos de sua vida.

Michel Foucault
(1926-1984)

Jean Pierre Fouchet/ Gamma-Rapho/ Getty Images

Michel Foucault, em foto de 1967.

Pensador francês que se dedicou a vários campos do conhecimento, como a filosofia, a história e a psicologia. Entre 1970 e 1984 foi professor no Collège de France, uma das instituições de maior prestígio naquele país. Escreveu sobre vários assuntos, entre eles a sexualidade, a loucura e as instituições disciplinares, como a prisão e a escola. Em seus últimos anos de vida, dedicou-se a estudar a filosofia grega antiga, preocupado com o tema da formação ética. Entre seus vários livros, destacam-se *As palavras e as coisas* (1966) e *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* (1975).

Antonio Gramsci
(1891-1937)

Mondadori Portfolio/ Getty Images

Antonio Gramsci, em foto da década de 1930.

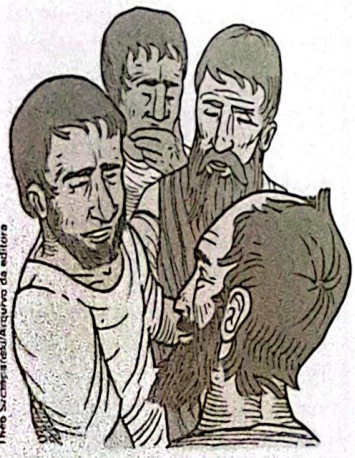
Jornalista e filósofo italiano. Militante comunista, passou muitos anos preso sob o governo do líder fascista Benito Mussolini. Foi na prisão que escreveu boa parte de sua obra filosófica, de crítica social e política.

Digitalizado com CamScanner

Os **filósofos**, porém, dedicam-se à filosofia de modo mais intenso, fazendo dessa atividade sua profissão e sua vida. Eles problematizam diversas questões, criam conceitos, escrevem textos e livros.

Alguns desses conceitos atravessam os séculos. Embora tenham sido elaborados em um contexto histórico diferente, podem despertar nossa reflexão e ajudar na formulação de nossos próprios conceitos. Pense, por exemplo, no conceito de felicidade. Muitos filósofos já estudaram o assunto em diferentes lugares e épocas e elaboraram os mais variados conceitos de felicidade. Esses conceitos são importantes como referência, mas não são estáticos: mudam conforme o contexto e as motivações de quem está refletindo sobre eles.

Nesta obra você vai conhecer diferentes conceitos criados pelos filósofos ao longo do tempo e compreenderá como eles podem ajudá-lo a pensar melhor sobre sua própria vida.

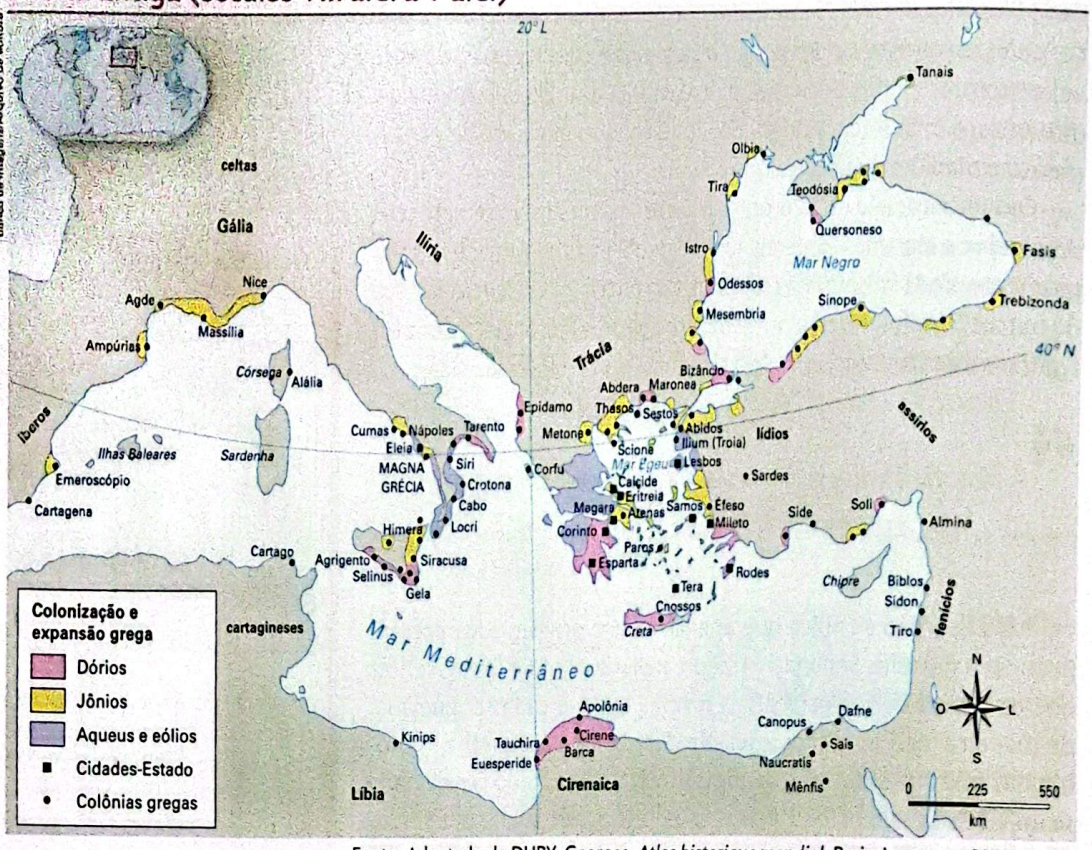


Theo Sremac/Arquivo da editora

A FILOSOFIA E SUAS ORIGENS GREGAS

Entre os séculos IX a.C. e VIII a.C., os gregos se expandiram para além da península grega, estabelecendo colônias importantes, como Éfeso, Mileto (situadas na Jônia, região sul da Ásia Menor, na atual Turquia), Eleia e Agrigento (na Sicília e no sul da atual Itália, região conhecida como Magna Grécia). Foi em algumas dessas cidades que viveram os primeiros filósofos. Tales de Mileto (Jônia), Pitágoras de Samos (Jônia), Filolau de Crotona (Magna Grécia) e Heráclito de Éfeso (Jônia) são alguns exemplos.

Grécia antiga (séculos VIII a.C. a V a.C.)



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: Adaptado de DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2007. p. 14.

Digitalizado com CamScanner

Tales de Mileto é considerado o primeiro filósofo. Nasceu na região da Jônia e era apontado como um dos sete sábios da Grécia antiga. Foi o primeiro a afirmar que há um princípio universal do qual todas as coisas derivam (que os gregos chamavam *arkhé*) e que esse princípio seria o elemento água. Teve diversos seguidores na chamada Escola Jônica, os quais, embora concordassem com a ideia de *arkhé*, afirmavam que ela seria relacionada a outro elemento que não a água.

PRINCÍPIO UNIVERSAL

Na Antiguidade, já se pensava que tudo o que existe é formado pela reunião de alguns elementos básicos. Falava-se na terra, na água, no ar e no fogo como esses elementos. O espaço sideral, além da Terra, seria preenchido por um quinto elemento, o éter, mais leve do que todos os outros.
Alguns pensadores falavam também no *apeiron*, que significa o ilimitado, o indefinido. Outros falavam nos átomos, ou seja, aquilo que não pode ser dividido.

Fundador de uma importante escola filosófica na Magna Grécia, com sede na cidade de Crotona, o filósofo e matemático Pitágoras de Samos se tornou muito conhecido pela enunciação de um teorema matemático que recebeu seu nome, o teorema de Pitágoras. Em seu pensamento, defendia que o Universo (em grego, *kósmos*) era regido por princípios matemáticos, sendo o número o fundamento de todas as coisas.

Filolau de Crotona (c. 470 a.C.-385 a.C.), filósofo e astrônomo que pertenceu à escola pitagórica, defendia o número como a *arkhé* do mundo físico, bem como uma estrita conduta para alcançar a boa vida. No campo da astronomia, foi um dos primeiros a enunciar que a Terra está em movimento e não se encontra no centro do Universo, que seria ocupado por um "fogo central" sempre do lado oposto ao planeta e, por isso, impossível de ser visto pelos seres humanos. Em torno desse fogo central girariam a Terra e os demais corpos celestes.

Em Éfeso, o filósofo Heráclito (c. 535 a.C.-475 a.C.) defendia que o princípio de todas as coisas não era o número, mas sim o fogo. Assim como percebemos nesse elemento incessantes movimentos e transformações, na natureza também tudo se movimenta e se transforma, baseando-se na harmonia dos contrários (quente e frio, leve e pesado, sólido e líquido, seco e úmido, etc.). Esses elementos seriam organizados pelo **logos**, isto é, o princípio racional de inteligibilidade, que tudo organiza e ordena para a composição do *kósmos*.

Essa nova prática de pensamento surgida na periferia do mundo grego migrou para as cidades da península grega, em especial Atenas – cidade dedicada a Palas Atena, deusa da sabedoria. É por isso que o filósofo contemporâneo Gilles Deleuze (biografia na próxima página) afirmou que "os filósofos são estrangeiros, mas a filosofia é grega".

É importante notar que a primeira palavra a surgir foi **filósofo**, que é aquele que pratica determinado tipo de investigação teórica. Só mais tarde apareceu a palavra **filosofia**, para designar a atividade desse investigador. Não se sabe ao certo quem inventou a palavra filósofo;

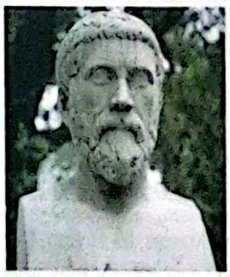
Tales de Mileto
(c. 624 a.C.-546 a.C.)

Bianchetti/Stefano/Leemage

Gravura representando Tales de Mileto, feita no século XIX.

É considerado o primeiro pensador científico, preocupado em buscar respostas naturalistas e racionais para os fenômenos físicos. Grande conhecedor de geometria e astronomia, estudou as causas das inundações do rio Nilo – desmistificando as crenças antigas que as atribuíam a fatos sobrenaturais – e foi capaz de prever um eclipse total do Sol. Para ele, o princípio universal de todas as coisas era a água, por se tratar de algo essencial à vida, estar presente em todas as coisas e ser dotada de movimento, de mudança (existir em várias formas).

Pitágoras de Samos
(c. 570 a.C.-495 a.C.)


Offscreen/Shutterstock/Glow Images/Jardins da Villa Borghese, Roma, Itália

Busto de mármore de Pitágoras, em Roma, Itália.

Uma das grandes contribuições de Pitágoras foi a valorização do pensamento abstrato. Para ele, todo o Universo é regido por regras e relações matemáticas, que, uma vez descobertas, permitem compreender a estrutura da natureza. Além disso, todas as coisas teriam o número como princípio fundamental. Profundamente religioso, fundou uma escola que mesclava ciência e misticismo.

Digitalizado com CamScanner

Gilles Deleuze
(1925-1995)

Raymond Depardon/ Magnum Photos/Latinstock

Gilles Deleuze, em 1987.

Filósofo francês. Foi professor de filosofia no Ensino Médio francês e em universidades, tendo consolidado sua carreira na Universidade de Paris 8. Dedicou-se ao estudo de vários filósofos, como Hume, Nietzsche e Espinoza, mas também escreveu sobre literatura, pintura e cinema. De sua obra, destacam-se *Diferença e repetição* (1968) e seus dois livros sobre cinema: *Cinema: a imagem-movimento* (1983) e *Cinema 2: a imagem-tempo* (1985). No final da década de 1960, conheceu Félix Guattari (1930-1992), com quem produziu vários livros: *O anti-Édipo* (1972), *Kafka: por uma literatura menor* (1975), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991).

Sócrates
(c. 469 a.C.-399 a.C.)

The Bridgeman Art Library/ Keystone/Museu do Louvre, Paris, França

Sócrates, em escultura de mármore de Lysippus, de cerca de 330 a.C.

Nascido em Atenas, na Grécia, é considerado um dos filósofos mais importantes de todos os tempos. Sócrates ensinava gratuitamente em praça pública. Reorientou o enfoque da filosofia grega, antes voltada para o estudo da natureza, centrando o interesse no ser humano. Acusado de corromper a juventude e de renegar os deuses atenienses, foi condenado à morte por meio da ingestão de um veneno chamado cicuta. Sua produção filosófica está documentada na obra de Platão.

alguns afirmam ter sido Pitágoras, outros afirmam ter sido Heráclito. Segundo a tradição, o primeiro filósofo teria sido um humilde homem grego que se recusava a ser reconhecido como sábio – isto é, que possuía um saber –, preferindo chamar-se filósofo, quer dizer, um 'amigo da sabedoria', alguém que deseja ser sábio, mas ainda não o é. É uma posição semelhante à do filósofo grego Sócrates, que afirmou no século V a.C.: "Só sei que nada sei", percebendo e admitindo a própria ignorância.

Mas por que o modo filosófico de pensar, com a recusa de verdades prontas e a elaboração de novos conceitos, surgiu na Grécia? Para entender isso, é preciso recuar no tempo e conhecer um pouco a Grécia dos séculos VII a.C. e VI a.C. Assim, ficará mais fácil compreender quem eram e como viviam os gregos daquele tempo.

- **A civilização grega antiga construiu uma cultura pluralista.** Em sua origem estão três povos (os jônios, os eólios e os dórios) que formaram uma sociedade unida pelo idioma e pelo culto aos deuses, mas que recebia influências de diversas culturas com as quais os gregos entraram em contato. Essa pluralidade foi um campo fértil para o desenvolvimento do teatro, da literatura, da arquitetura, da escultura e da filosofia.
- **Os gregos eram estimulados a pensar por si mesmos.** A Grécia jamais formou um império centralizado. Em vez disso, organizou-se em cidades independentes, chamadas cidades-Estado, cada uma com seu próprio governo e suas próprias leis. A política era um assunto dos cidadãos.

  Entre os povos da mesma época que formaram impérios, como os egípcios, os persas e os chineses, a situação era bem diferente. Em razão da forte influência religiosa, a produção de saberes era monopólio dos sacerdotes ou de pessoas ligadas a eles, sempre em favor do imperador e visando ao controle social e à permanência no poder. As explicações eram determinadas pela visão religiosa e não podiam ser contestadas. Até mesmo o saber prático era controlado. A matemática é um exemplo. Entre os egípcios, os sacerdotes desenvolveram um conhecimento matemático destinado a registrar e controlar os estoques de alimentos do templo, bem como a construir pirâmides. Esse conhecimento, considerado segredo religioso, era privilégio dos sacerdotes.

  Todo esse controle tendia a impedir que as pessoas pensassem por si mesmas. Na Grécia antiga, diferentemente, estimulava-se a discussão sobre os problemas e os rumos da cidade. Tanto é que foi na cidade-Estado de Atenas que se desenvolveu a forma democrática de governo. É verdade que a sociedade grega era escravagista e que só se consideravam cidadãos os homens maiores de idade, nascidos na cidade e proprietários de terras e de bens. Na Atenas dos séculos V a.C. e IV a.C., esse grupo correspondia no máximo a 10% da população total. Mas isso já era um número muito maior de pessoas dedicando-se à política do que nos impérios antigos.

Digitalizado com CamScanner

Anastasios71/Shutterstock/Glow Images

Foto das ruínas de uma ágora em Atenas, capital da Grécia, por volta de 2010. Situada geralmente no coração das cidades gregas, tendo em volta o comércio e os prédios públicos, a ágora era um complexo arquitetônico aberto, destinado a encontros, debates e outros eventos públicos.

- **Os gregos gostavam de discutir e polemizar.** O gosto pelo debate e pela disputa vem da própria constituição do povo grego, um povo de guerreiros que muitas vezes teve de se unir para combater inimigos em comum. Os heróis da mitologia representam esse gosto pela luta e pelo triunfo, bem como as disputas esportivas que se seguiram com a criação dos Jogos Olímpicos. A disputa de ideias fazia parte desse espírito competitivo. Eram comuns, na Grécia antiga, os debates em praça pública.

A filosofia é o resultado, portanto, da confluência e da interação de diferentes povos e culturas. A pólis ateniense foi o terreno mais propício para o seu desenvolvimento intelectual.

Os textos filosóficos

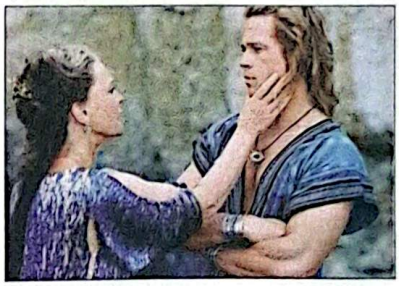
Os primeiros filósofos gregos, em sua maioria, praticavam ensinamentos orais. Aqueles que produziram textos escritos geralmente utilizaram a forma poética.

Havia também filósofos, como Sócrates, que se recusavam a escrever suas ideias. Consideravam a escrita inimiga da memória: se escrevemos, já não precisamos lembrar, e isso enfraquece o pensamento.

Em sua prática filosófica, Sócrates caminhava pelas ruas de Atenas, principalmente pela praça do mercado, onde circulava mais gente, e conversava com as pessoas. Em geral, fazia perguntas que levavam o interlocutor a cair em contradição e, em seguida, a pensar sobre a inconsistência de sua opinião, inicialmente considerada certa e verdadeira. Por isso, dizemos que sua prática era **discursiva** (baseada na fala) e **dialógica** (fundamentada no diálogo, na conversa).

Um exemplo do **espírito competitivo** dos gregos pode ser visto no filme *Troia*, adaptação do poema épico *Ilíada*, de Homero. No início da guerra contra Troia, quando a mãe pede a Aquiles que não vá lutar, ele responde que é mais honrado morrer lutando, como herói, do que viver como um homem comum e ter uma vida sem glória.

Troia. Direção de Wolfgang Petersen. Estados Unidos, 2004. 1 DVD. (163 min).



Warner Bros./Everett Collection/Keystone

Cena do filme Troia.

POESIA E MEMÓRIA

Na Grécia antiga, o uso da **forma poética** para criar textos estava ligado à maior facilidade de memorização. Os textos eram transmitidos oralmente de uma geração para outra, e era muito mais fácil memorizá-los se estivessem organizados em versos com métrica e rima. Não apenas os filósofos, mas também os escritores que relataram os mitos gregos utilizaram esse recurso.

Digitalizado com CamScanner

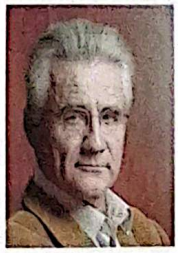
Platão
(c. 427 a.C.-347 a.C.)

G. Dagli Orti/De Agostini Picture Library/The Bridgeman Art Library/ Keystone/Museu Capitolino, Roma, Itália.

Platão, em escultura feita de mármore entre os séculos IV e I a.C.

Filósofo nascido em Atenas e filho de família aristocrática, era um crítico do regime democrático. Após a morte de Sócrates, dedicou-se a escrever diálogos, difundindo as ideias de seu mestre a respeito da política, da virtude, do amor, do conhecimento, da origem do Universo, entre outros assuntos. Criou uma escola em Atenas, a Academia, onde ensinou filosofia para seus discípulos, tendo sido Aristóteles o mais famoso deles. Dedicou-se a vários campos do pensamento, como a matemática e a geometria. Uma de suas contribuições mais importantes foi a elaboração da teoria das ideias, consideradas eternas e imutáveis. Seu pensamento influenciou profundamente filósofos como Plotino, Descartes e Schopenhauer, sendo ainda hoje fonte inesgotável de conhecimento.

André Comte-Sponville
(1952-)



Ulf Andersen/Getty Images

André Comte-Sponville, em foto de 2011.

Filósofo francês contemporâneo. Foi professor na Universidade de Paris (Sorbonne) e desde 1998 dedica-se a escrever e a fazer conferências. É membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética da França e autor de uma obra extensa, da qual se destacam: *Pequeno tratado das grandes virtudes* (1995) e *A felicidade, desesperadamente* (2000).

Sócrates dizia que, assim como sua mãe havia sido uma parteira, que dava à luz as crianças, ele queria dar à luz as ideias. Seu estilo filosófico ficou então conhecido como **maiêutica**, isto é, 'o parto de ideias'.

Platão, discípulo de Sócrates, resolveu homenagear o mestre escrevendo suas ideias, o que possibilitou que elas chegassem até os dias atuais. Mas, em vez de escrever em versos, como se fazia na época, elaborou **diálogos**, inaugurando uma nova forma de organizar as ideias filosóficas. Por meio dos diálogos, segundo Platão, seria possível chegar a um refinamento das ideias. O método de perguntas e respostas, para ele, permitia avançar entre contraposições e contradições, obtendo ideias cada vez mais precisas, até que se chegasse ao conhecimento verdadeiro. Esse modo de aprimorar as ideias foi denominado **dialética**.

Ainda hoje os textos filosóficos da Grécia antiga são estudados, embora restem apenas fragmentos dos textos anteriores à época de Sócrates, ou **pré-socráticos**, como são conhecidos. A invenção da imprensa, no século XV, facilitou a documentação e a difusão da atividade filosófica, e os meios eletrônicos de comunicação de massa expandiram ainda mais essa possibilidade. Hoje, a filosofia é discutida em diversas mídias, como em programas de televisão e *sites* da internet.

Apesar de seus 2 500 anos de história, a filosofia persiste na busca de entendimento, motivada pela curiosidade e pelo desejo de compreender a vida e o mundo, sem ideias prévias, partindo sempre "do zero". Nas palavras do filósofo contemporâneo francês André Comte-Sponville: "Filosofia é uma prática discursiva que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim".

Filosofia e opinião

Qual é a sua opinião sobre a política? O que você pensa sobre a liberdade? Para você, o que é uma amizade verdadeira?

Perguntas como essas costumam surgir em rodas de conversa entre amigos. Para respondê-las, você reflete, cita exemplos, faz comparações... Mas será que está utilizando o pensamento filosófico?

Veja o que diz sobre isso o filósofo francês Gilles Deleuze: "É da opinião que vem a desgraça dos homens". Isso porque a opinião é um pensamento subjetivo, uma ideia vaga sobre a realidade, que não tem fundamentação e na maioria das vezes nem pode ser explicada. É comum, por exemplo, alguém dizer que é contra ou a favor de determinada situação sem um motivo concreto, talvez por uma reflexão apressada, por superstição ou crença. "É uma questão de opinião", justifica a pessoa. Fica claro que dessa forma, ao emitir uma opinião, você não está pensando filosoficamente.

É muito fácil manipular as opiniões das pessoas não dispostas a pensar sobre elas. Os meios de comunicação, por exemplo, fabricam ideias e desejos por meio da propaganda e de sua grade de programação. A **indústria cultural** – expressão que designa a produção da cultura segundo os padrões e os interesses do capitalismo – esforça-se em definir o que todos querem ler, os filmes que preferem, as músicas da moda. As

Digitalizado com CamScanner

respostas já vêm prontas, como nos livros de autoajuda. Formadores de opinião também exercem grande influência sobre o modo de pensar da sociedade e podem mudar as opiniões alheias. São personalidades do esporte, da televisão, do teatro, líderes religiosos, professores.

A filosofia, diferentemente, é uma prática de elaboração própria de ideias. Ela também parte da opinião, mas a recusa como verdade e vai além dela. Busca uma reflexão mais sólida e fundamentada, por meio da qual o ser humano se realize em sua capacidade racional. As ideias elaboradas dessa forma podem ser defendidas com argumentos consistentes.

Não é difícil concluir que as pessoas que pensam por si mesmas, que não se acomodam às ideias prontas e não aceitam viver no "piloto automático" têm melhores condições de se tornar cidadãos mais atuantes, exercendo seus deveres e exigindo seus direitos na sociedade.

A prática filosófica humaniza as pessoas, tornando-as mais livres para pensar de forma crítica e criativa, capazes de transformar positivamente a si mesmas e ao mundo que as cerca.

Reprodução/Arquivo da editora (direção: Jake Scott)

Cena de videoclipe da canção "Fake Plastic Trees" ('árvores falsas de plástico'), de 1995, da banda inglesa Radiohead. Uma vez que a produção cultural passa a ser gerida massivamente segundo interesses do capitalismo, a lógica comercial se choca com a liberdade de expressão de ideias e de críticas.

"Pinte para escapar", diz a frase neste grafite de Jamie Paul Scanlon, em Taunton, Inglaterra. Foto de 2012.

Jamie Paul Scanlon/streetartnews.net

TRABALHANDO COM TEXTOS

Os dois textos que você lerá a seguir foram escritos em momentos diferentes da história. O primeiro deles define a atividade filosófica como uma atividade contemplativa e o segundo, como uma atividade criativa.

Texto 1

O texto a seguir corresponde a um trecho de uma carta escrita pelo filósofo grego Aristóteles, na qual ele convida Themison, rei de uma cidade do Chipre, à prática da filosofia. Na carta, ele procura construir uma série de argumentos que justifiquem a escolha de dedicar-se à filosofia. No trecho, ele argumenta em torno da necessidade do filosofar.

Por que é preciso filosofar?

Todos admitirão que a sabedoria provém do estudo e da busca das coisas que a filosofia nos deu a capacidade [de estudar], de modo que, de uma maneira ou de outra, é preciso filosofar sem subterfúgios. [...]

Há casos em que, aceitando todos os significados de uma palavra, é possível demolir a posição sustentada pelo adversário, fazendo a referência a cada significado. Por exemplo, suponhamos que alguém diga que não é preciso filosofar: pois "filosofar" tanto quer dizer 'procurar se é preciso

Subterfúgio: desculpa, evasiva, manobra para evitar dificuldades.

Digitalizado com CamScanner

filosofar ou não', quanto 'buscar a contemplação filosófica', mostrando que essas duas atividades são próprias do homem, destruiremos por completo a posição defendida pelo adversário.

Além do mais, há ciências que produzem todas as comodidades da vida e outras que usam as primeiras, assim como há algumas que servem e outras que prescrevem: nestas últimas, na medida em que são mais aptas a dirigir, está o que é soberanamente bom. Daí – se só a ciência que tem a retidão do julgamento, que usa a razão e que contempla o bem em sua totalidade (isto é, a filosofia) é capaz de usar todas as outras e de lhes dar prescrições conformes à natureza – ser preciso, de qualquer modo, filosofar, já que só a filosofia contém em si o julgamento correto e a sabedoria prescritiva infalível.

ARISTÓTELES. *Da geração e da corrupção, seguido de convite à filosofia*. São Paulo: Landy, 2001. p. 150-151.

Contemplação filosófica: ato de alcançar as ideias por meio do exercício do pensamento racional.

Questões sobre o texto

1. Segundo Aristóteles, por que é preciso filosofar?
2. Cite duas razões para a prática da filosofia que aparecem no texto.
3. Por que a filosofia é a ciência mais completa, segundo o autor do texto?

Texto 2

Uma vez formulada a pequena e complexa questão "O que é a filosofia?", para chegar à resposta é preciso percorrer caminhos, buscando pistas por meio de outras indagações: "O que é o filósofo?", "O que é o conceito?", "Como é filosofar?". Assim fizeram Gilles Deleuze e o psicanalista e filósofo Félix Guattari quando escreveram o livro *O que é a filosofia?*. O texto a seguir é um trecho da introdução dessa obra. Observe como questionar é um ato importante para a filosofia, que serve de instrumento ao filósofo durante sua investigação.

Assim, pois, a questão...

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. [...] *Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência.* [...] *Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: "os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso", mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou* [...]. *Platão dizia que é necessário contemplar as Ideias, mas tinha sido necessário, antes, que ele criasse o conceito de Ideia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?* [...]

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1992.

Friedrich Nietzsche
(1844-1900)

Mondadori Portfolio/Getty Images

Nietzsche, em foto de 1882.

Filósofo alemão. Seu pensamento contém uma crítica radical ao pensamento moderno e ao cristianismo, que ele identificava como uma "moral de rebanho". Defendeu a filosofia como uma educação de si mesmo, um processo constante de autossuperação. Dentre suas obras destaca-se *Assim falou Zaratustra* (1883-1885). Escreveu também muitos aforismos, um estilo deliberadamente fragmentário, que pede a reflexão e a interpretação do leitor.

Questões sobre o texto

- Com suas palavras, responda:

a) O que é a filosofia?

b) O que é o filósofo e qual é o seu papel na filosofia?

c) O que quer dizer a seguinte afirmação: "Não há céu para os conceitos"?

d) Por que é preciso substituir a confiança nos conceitos pela desconfiança?

e) Há algo em comum entre desconfiar dos conceitos dados e não aceitar as opiniões como certas e verdadeiras?

Digitalizado com CamScanner

EM BUSCA DO CONCEITO

Agora é a sua vez. Com base no que foi estudado neste capítulo, vamos tornar viva a prática filosófica.

ATIVIDADES

1. Explique por que, segundo Aristóteles, a filosofia "é a atividade mais digna de ser escolhida pelos homens".

2. Cite alguns fatores que explicam o surgimento da filosofia na Grécia antiga.

3. Qual é a diferença entre pensar filosoficamente e emitir uma opinião sobre determinado assunto?

4. Compare as definições de filosofia apresentadas por Aristóteles e por Deleuze e Guattari nos textos da seção "Trabalhando com textos". Aponte as semelhanças e as diferenças entre elas.

5. Elabore uma dissertação assumindo uma posição em relação às duas concepções de filosofia acima. Você pode se colocar a favor ou contra cada uma delas ou mesmo oferecer sua própria concepção. O importante é apresentar argumentos coerentes que justifiquem sua escolha. Veja a seguir algumas orientações sobre como desenvolver uma dissertação.

DISSERTAÇÃO FILOSÓFICA

A dissertação filosófica corresponde a um discurso específico da filosofia, articulado por meio de conceitos e desenvolvido por meio de argumentos. A elaboração de dissertações filosóficas é essencial para a prática da filosofia e do pensamento crítico e autônomo.

Uma dissertação deve conter as seguintes partes:

- **introdução:** parágrafo no qual o autor anuncia as ideias que serão desenvolvidas no texto;
- **desenvolvimento:** texto central, em que as ideias apresentadas na introdução serão trabalhadas por meio de uma argumentação consistente, baseada em conhecimentos que se tem sobre o assunto, dados publicados por instituições reconhecidas, citações de outros autores, etc.;
- **conclusão:** é o encerramento da dissertação, parte em que se retomam as ideias anunciadas na introdução de forma conclusiva, considerando toda a argumentação desenvolvida no texto central.

É LÓGICO!

Você já leu alguma aventura de Sherlock Holmes, o personagem criado por Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930)? Ou assistiu a algum filme baseado em suas histórias? Sherlock Holmes é um detetive que resolve seus casos usando a **dedução**, uma ferramenta lógica muito poderosa. Sherlock sempre relata em detalhes a seu parceiro, dr. Watson, as observações que fez e os indícios que encontrou, com base nos quais chegou a uma conclusão, muitas vezes surpreendente. Embora, na realidade, não apareça nas histórias de Conan Doyle, a frase "Elementar, meu caro Watson..." tornou-se muito famosa como introdução a essa explicação.

Já na série de ficção científica norte-americana dos anos 1960 *Jornada nas estrelas*, que foi depois adaptada em vários filmes para o cinema, há outro personagem inquietante, o sr. Spock. Nascido no planeta Vulcano, filho de pai vulcano e mãe humana, Spock foi criado nesse local, onde todos são muito racionais e não possuem emoções como os seres humanos. Cenas memoráveis da série mostram as relações entre o passional capitão Kirk, o líder da nave Enterprise, e o racional sr. Spock, seu tenente encarregado pela área científica. Tais cenas são uma excelente metáfora para o conflito humano entre a emoção e a razão. Sr. Spock é a encarnação do pensamento lógico.

A **lógica** é a área de filosofia que estuda os modos de operação do pensamento correto. A palavra lógica deriva do termo grego *logos*, o qual inicialmente a designava, passando depois a significar o pensamento, a razão. Os primeiros estudos sobre lógica foram feitos por Aristóteles, no século IV a.C. Os estudiosos posteriores de sua obra chamaram de *Organon* (órgão) o conjunto de textos em que o filósofo analisa os modos, os meios de organização do pensamento. Apenas séculos mais tarde a lógica seria denominada como **lógica aristotélica** ou **lógica formal**. Hoje se trabalha com vários tipos de lógica, como a simbólica, a matemática, a computacional, dentre muitas outras. Note, então, que a lógica não é o próprio pensamento, mas o estudo das formas de pensar corretamente, evitando que erremos, que sejamos enganados por falsas afirmações.

Todo pensamento tem seus modos de operação. Mesmo sem refletir sobre isso, todos nós pensamos logicamente. "É lógico!": eis uma expressão que usamos para designar aquilo que parece ser evidente.

Ao longo dos próximos capítulos, você encontrará informações sobre essa área da filosofia e, ao final de cada Unidade, alguns exercícios lógicos que vão ajudar a pensar melhor, a usar corretamente as várias ferramentas do pensamento.

Digitalizado com CamScanner

SUGESTÃO DE LEITURAS E DE FILMES

Leituras

Reprodução/Ed. Rocco

EYRE, Lucy. *O pensamento voa:* descobrindo o prazer da filosofia. São Paulo: Rocco, 2007.

Nesse romance inusitado, Sócrates, presidente do Mundo das Ideias, faz uma aposta com seu rival, o também filósofo Wittgenstein. Para vencer a aposta e manter-se no cargo, Sócrates terá de convencer um adolescente de que a filosofia pode mudar sua vida.

Reprodução/Ed. Companhia das Letras

GAARDER, Jostein. *O dia do curinga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

O livro narra as viagens de um garoto e seu pai por vários países da Europa. A aventura dos dois em busca do saber é uma bela metáfora da própria busca filosófica.

Reprodução/Ed. Companhia das Letras

_____. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Certo dia, a menina Sofia começa a receber cartas anônimas com perguntas sobre a existência e a realidade. Assim começa esse romance, uma forma divertida de aprender um pouco mais sobre a filosofia, sua história e os principais filósofos.

Reprodução/Ed. Lamparina

KOHAN, Walter Omar; VIGNA, Elvira. *Pensar com Sócrates*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

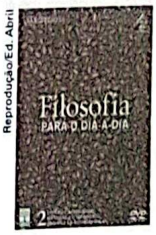
Uma seleção de frases de Sócrates coletadas em vários diálogos de Platão. Interessante para um primeiro contato com a filosofia e com as ideias desse pensador enigmático que foi Sócrates.

Reprodução/Ed. Brasiliense

PRADO JR., Caio. *O que é filosofia?* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros passos).

Obra sucinta e introdutória em que o autor caracteriza o conhecimento filosófico por meio da análise do pensamento de grandes filósofos, desde os gregos antigos.

Filmes



Reprodução/Ed. Abril

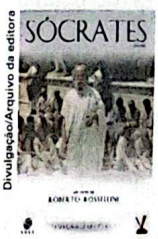
***Filosofia para o dia a dia*. Direção de Alain de Botton. Inglaterra, 2000. 2 DVDs. Encarte da revista *Vida simples*. (144 min).**

Série de televisão inglesa baseada no livro *As consolações da filosofia*, de Alain de Botton, em seis episódios. DVD 1: "Sêneca e a raiva"; "Schopenhauer e o amor"; e "Montaigne e a autoestima". DVD 2: "Epicuro e a felicidade"; "Nietzsche e o sofrimento"; e "Sócrates e a autoconfiança".

Divulgação/Versátil Filmes

***O mundo de Sofia:* romance da história da filosofia. Direção de Erik Gustavson. Noruega, 2000. 1 DVD. (200 min).**

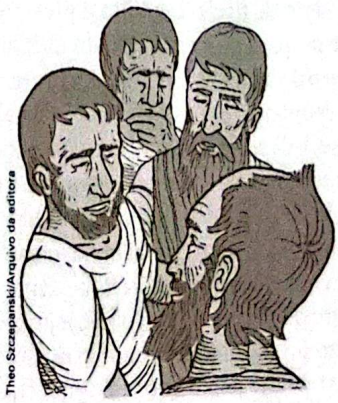
Série baseada no livro *O mundo de Sofia*, escrito por Jostein Gaarder.



Divulgação/Arquivo da editora

***Sócrates*. Direção de Roberto Rossellini. Itália, RAI e TVE, 1971. 1 DVD. (120 min).**

Os últimos momentos de Sócrates na Atenas do século V a.C., incluindo seu julgamento e a condenação à morte, assim como sua defesa e os últimos ensinamentos.


Theo Szczepanski/Arquivo da editora

Digitalizado com CamScanner